

DISPERSÕES OU PAUSAS PARA RESSIGNIFICAR NOSSAS RELAÇÕES COTIDIANAS: UMA LEITURA DE ALIKE

DISPERSIONS OR BREAKS TO MEAN OUR EVERYDAY RELATIONSHIPS: A READING BY ALIKE

Gilvânia Maurício Dias de Pontes

Analice Pillar

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa que buscou dar continuidade e aprofundar teoricamente a análise de micronarrativas audiovisuais de distintos contextos culturais exibidas em meios digitais, em sites e redes sociais, quanto aos efeitos de sentido que provocam e suas possibilidades para educação. A partir dos referenciais teóricos e metodológicos da semiótica discursiva, do ensino da Arte e da cultura visual enfocaremos, aqui, uma das produções de nosso corpus de análise — Alike — quanto às articulações entre as diferentes linguagens e as leituras que engendram. As conclusões apontam efeitos de sentido que contrapõem escola, trabalho e mundo adulto versus arte e infância, produtividade automatizada versus criação.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino da Arte; Leitura audiovisual; Micronarrativa; Alike; Educação.

ABSTRACT

This paper is part of a research project that sought to continue and theoretically deepen the analysis of audiovisual micronarratives from different cultural contexts displayed in digital media, on websites and social networks, regarding the meaning effects they arouse and their possibilities for education. Based on the theoretical and methodological frameworks of discursive semiotics, Art Education and visual culture, we will focus on one of the productions of our corpus of analysis - Alike - regarding the articulations between the different languages and the readings they evoke. The conclusion points to meaning effects opposing school, work and the adult world versus art and childhood, automated productivity versus creation.

KEYWORDS

Art Education; Audiovisual reading; Micronarrative; Alike; Education.

Efeitos de sentido em Alike

Muitas vezes precisamos de dispersões ou pausas para ressignificarmos nossas relações cotidianas, nos distanciarmos da nossa rotina para conseguirmos ver melhor como estamos vivendo. Neste artigo¹ analisamos uma produção audiovisual que nos instigou a refletir sobre essas pausas com foco nas interfaces entre educação da infância e o mundo adulto orientado por uma lógica de mercado que impõem tempos e práticas voltados para a produtividade e racionalidade. Tais práticas, no filme, excluem as artes do processo de desenvolvimento e humanização de crianças e adultos.

Alike², produção audiovisual espanhola, trata-se de um curta metragem 3D, animado por computador, com duração de 8 minutos, que recebeu mais de 60 prêmios, entre eles o prêmio Goya de Melhor curta metragem de animação em 2016. Filme dirigido por Daniel Martínez Lara e Rafa Cano Méndez e produzido por Daniel Martínez Lara e La Fiesta P.C., Alike tematiza, especialmente, a oposição entre a sociedade do trabalho, como algo autômato, e a criação. Para apresentar essa oposição os enunciadores estabelecem uma comparação entre as formas repetitivas do trabalho e o sistema educacional, também repetitivo, apresentando a arte (figurativizada nas linguagens do desenho e da música) como a dimensão da vida cotidiana que está em disjunção com a rotina de trabalho autômato e que pode produzir uma ruptura capaz de reestabelecer a junção dos personagens com a ludicidade e a criação. Nesse filme, a arte não é bem-vinda à escola, mas aparece na rua com acontecimento que provoca estesias e fratura no cotidiano dos personagens centrais da história. Há uma junção entre escola, trabalho e mundo adulto colocando-os em disjunção com a arte e com a infância.

No entanto, a leitura dessa produção não está limitada a essa oposição, ela oferta ao leitor várias camadas paralelas para construção de efeitos de sentido. Assim, são muitas as possibilidades de interação com o filme, o que é reiterado pela montagem que envolve o sincretismo entre diferentes linguagens. Alike suscita questionamentos sobre o discurso econômico que busca produtividade a todo custo, discurso que é apropriado pelo sistema educacional como modelo de formação humana.

Para análise dessa produção audiovisual utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da semiótica discursiva para leitura de textos audiovisuais, bem como estudos do ensino da Arte e da cultura visual. De acordo com a teoria semiótica discursiva, todo texto pode ser lido observando o plano de conteúdo – o que o texto diz; e o plano da expressão - como o texto faz para dizer o que diz, suas qualidades

sensíveis. Ao analisar a significação em uma produção audiovisual, considerada como um texto ou discurso³, buscamos conhecer o percurso gerativo de sentido procurando identificar, num primeiro momento (nível fundamental), as oposições sobre as quais o texto está construído. Essas oposições criam uma rede de relações que conduzem a transformações, a uma narrativa (nível narrativo). Para entendermos a organização narrativa é preciso descrever a encenação, determinar seus participantes e os papéis que representam. As estruturas narrativas simulam tanto a busca de valores ou a procura de sentido quanto os contratos e os conflitos que marcam os relacionamentos dos actantes. No último nível do percurso gerativo de sentido, o nível discursivo, os termos opostos são caracterizados com temas ou figuras, que remetem ao mundo natural ou construído. Aqui são analisadas as caracterizações que revestem as estruturas narrativas e as situam num tempo, num espaço, com personagens constituídos de determinado modo.

Uma produção audiovisual, como um texto sincrético, constitui seu plano de expressão com elementos de várias semióticas, que se articulam para produzir um todo de significação. O foco de interesse da análise de um texto sincrético reside nos efeitos de sentido produzidos pelas relações entre as diversas linguagens. O audiovisual se constitui como um texto sincrético ao estabelecer entre linguagens visuais, verbais e sonoras um jogo de efeitos de sentido envolvendo o espectador nos aspectos mais variados de sua capacidade de percepção. Assim, há em uma produção audiovisual um diálogo entre diferentes semióticas. As articulações entre as diversas semióticas, através da montagem de um audiovisual, produzem pistas deixadas pelos enunciadores para os enunciatários. Mas, a recepção e produção de sentido são particulares de cada leitor, pois envolvem o repertório de cada um e a forma como cada pessoa é “contagiada” pela produção audiovisual.

Alike significa “semelhante” e por ser o título do filme dá pistas dos efeitos de sentido que os enunciadores almejam provocar nos enunciatários. O que seria o semelhante na narrativa? O filho semelhante ao pai? Os modos de vida do trabalho e o funcionamento de uma escola que se limita aos exercícios de cópia? O automatismo e a produtividade nas relações de adultos e crianças?

O release do filme para imprensa apresenta os personagens como um homem adulto (Copy⁴) e uma criança (Paste), que poderiam ser considerados pai e filho, com nomes que traduzidos para o português seriam Copie e Cole. Tais denominações fazem alusão às operações de copiar (control+c) e colar (control+v), muito utilizadas no teclado do computador, as quais dizem respeito a retirar algo de determinado lugar e acrescentá-lo tal e qual em outro lugar. Ao nomear de Copy o personagem que

figurativiza o pai e de Paste, o filho, o filme que tem por título *Alike*, reitera a ideia de fazer o filho semelhante ao pai.

No cartaz do filme pai e filho estão entre duas pilhas de materiais, os livros da escola e os papéis de escritório (Figura 1). Em cima da pilha de papéis do adulto repousa uma caneca branca e uma pasta preta. Os livros da criança são de cor escura e não se distinguem de alguns livros que estão no início da pilha de papéis do adulto. A criança é puxada para trás pela mochila pesada, enquanto o adulto a observa. Essa comparação e semelhança entre os pesos carregados por ambos serão apresentadas novamente em cenas em que eles caminham pela cidade no percurso que os leva ao trabalho e à escola.



Figura 1. Imagem publicitária do filme *Alike*. Fonte: <https://bmpromocoos.com.br/animacao-alike/>

O verbal escrito, presente no cartaz, só é anunciado, no filme, depois do início da narrativa. O percurso para apresentação dos personagens até chegar à exposição do título do audiovisual conduz o enunciatário ao reconhecimento das interações que marcam o posicionamento dos personagens na trama. Na tela, sobre um fundo branco, vemos o nome da produtora do filme ao lado de um bonequinho de cor laranja que parece fugir da cena correndo para o lado contrário.

O quadro seguinte apresenta uma pilha de livros com a palavra *SCHOOL* escrita no dorso, em cima desses livros há uma mochila pequenina, enunciando se tratar de adereço a ser usado por uma criança. Nos quadros seguintes, o pai, lentamente, entra

em uma sala com uma xícara de café na mão, olha para a pilha de livros como se estivesse acordando para cumprir a rotina de mais um dia. O pai é de cor azul e tem uma gravata laranja, cores que ao longo da narrativa se alteram para apresentar as mudanças e reações dos personagens.

A escolha das cores azul, para a figura adulta, e laranja, para a gravata bem como para a figura da criança, evoca diversos efeitos de sentido tanto por serem cores complementares, as quais estão em posições opostas nos círculos das cores e possuem um grande contraste, como pelo tom frio do azul e pelo tom quente do laranja. E, ainda, a mistura das cores azul e laranja resulta num tom de cinza, que no filme é associado à monotonia, a algo desprovido de vida.

O pai tem um corpo esguio, pernas compridas, cabeça em formato oval com grandes olhos arredondados que sugerem um olhar cansado e um nariz de base triangular e frente retangular. A figura do adulto traz tanto a delicadeza da forma longilínea quanto a estabilidade das formas do triângulo e do retângulo. Assim, nesse personagem percebe-se uma combinação de tais características, o que será desenvolvido ao longo da narrativa.

Após a apresentação do pai, há um corte na narrativa para a exibição dos nomes dos produtores – Daniel Martín Lara e Rafa Cano Méndez. Depois, em continuação, o pai coloca, um a um, nove livros dentro da pequena mochila escura. Há uma sequência que enfatiza a repetição de colocar os objetos na mochila até apertar bem para fechar de forma a comportar todos os livros. Em seguida é apresentado mais um elemento do cenário que define a atuação dos personagens, ao lado da pilha de livros, em simetria, há uma pilha de papéis. Em cima dos papéis, repousa a caneca de café e uma pasta de trabalho de cor preta.

Na sequência, por traz do pai, surge uma mãozinha e duas pernas finas, uma perna no chão e outra no ar anunciando movimento. A criança entra correndo, cai no chão, levanta a cabeça com um sorriso grande nos lábios, corre e desaparece para voltar de braços abertos para o abraço nas pernas do pai. Abraço que não ocorre porque a mochila pesada de livros lhe cai às costas, enviada de cima pelo pai. Inicialmente, há uma reação de espanto na criança, para depois sair cambaleando com o pesado acessório.

A criança é representada na cor laranja, em tom forte e vibrante, se comparada às demais cores que compõem o quadro. No designer desse personagem predomina o formato circular, bem definidos na apresentação das partes do seu corpo: cabeça, grandes olhos e nariz pequeno, todos arredondados. Tais formatos evidenciam

efeitos de sentido de um personagem fofo, simpático, delicado e bem humorado. A cor laranja, em conjugação com as formas circulares, apresenta a criança para o enunciário conferindo-lhe efeitos de sentido de alegria, inocência e movimento.

O movimento inicial do personagem é interrompido quando a criança é parada pela colocação da mochila pesada em suas costas. Ela segue para o lado direito, pendendo com o peso da mochila, enquanto o pai toma um gole da xícara de café, pega a pasta preta, que está em cima da pilha de papéis, e sai da cena pendendo para um lado com o peso da pasta. No quadro seguinte apresenta-se o título do filme, *Alike*, grafado em cinza com as letras “l”, em azul, e “i”, em laranja, figurativizando o pai e o menino no contexto monótono e cinzento das demais letras.

Até esse momento é ressaltada a oposição adulto X criança, representada pelo corpo em movimento da criança em contraposição à formalidade e precisão de movimentos do adulto. Há, também, a apresentação da temática trabalho – escola como componentes que são simétricos em seus conteúdos e pesos.

O filme não tem a presença da linguagem verbal oral, mas a música, que acompanha as cenas, parece atuar descrevendo os estados de ânimo dos personagens e dando ritmo às performances narradas. A música instrumental, composta por uma orquestra especialmente para o filme, é mais um actante na construção da narrativa. Em ritmo rápido pai e filho caminham pela cidade para chegar à escola e ao trabalho. Para Chion (1990) os meios audiovisuais não se dirigem só ao olhar, o espectador é convocado a ler a produção com uma atitude perceptiva transensorial denominada pelo autor de “*audiovisión*”. O valor de uma imagem é constituído pelo sincretismo entre o que se pode ver e o som que a envolve. Juntos som e imagem criam um efeito audiovisual.

A cidade é apresentada pálida, em tons pastéis de um cinza azulado e um cinza alaranjado, quase um sépia. Tudo com um aspecto desbotado e uniforme: prédios de igual formato, pessoas andando rápido, carros. A música em ritmo acelerado acompanha a caminhada de Copy e Paste, que pendem o corpo para carregar o peso dos papéis. Chion, analisando a presença do som no cinema, salienta que a música

expresa directamente su participación en la emoción de la escena, adaptando el ritmo, el tono y el fraseo, yeso, evidentemente, en función de códigos culturales de la tristeza, de la alegría, de la emoción y del movimiento. Podemos hablar entonces de música empatía (de la palabra empatía: facultad de experimentar los sentimientos de los demás) (CHION, 1990, p. 15).

A música é rápida como é o tráfego de carros e o caminhar de pessoas, forma como a cidade é apresentada para o enunciário. O ritmo da música em sincronia como o ritmo das imagens evidencia a ideia de tempo que consome aqueles que transitam pela cidade ou se destinam ao trabalho. No entanto, há uma quebra nesse ritmo que será marcada por outra música e outra cena.

No percurso da caminhada, entre prédios de tons pastéis, podemos ver uma árvore de copa avermelhada, plantada no centro de um gramado verde, em disjunção com as demais cores do entorno (Figura 2).

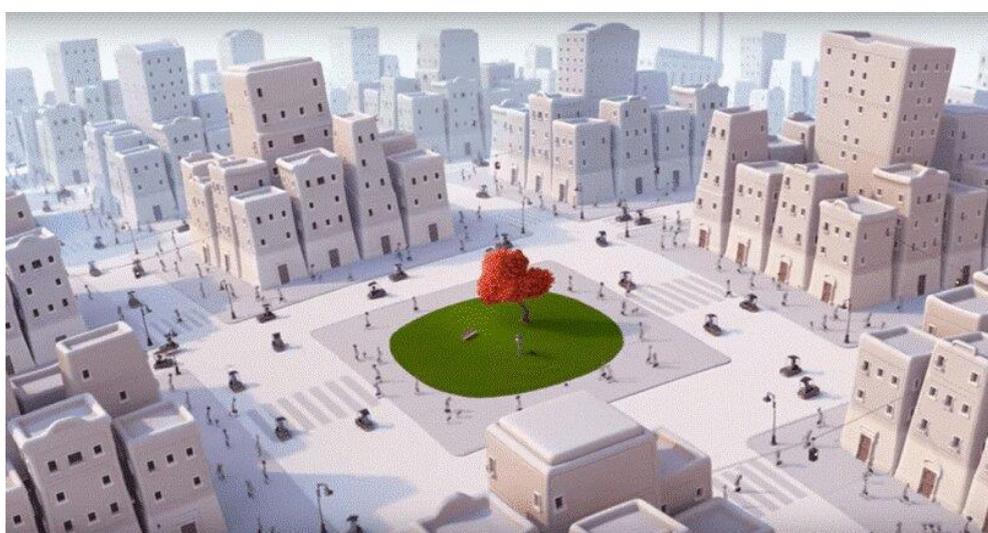


Figura 2. Daniel Martín Lara e Rafa Cano Méndez. Cena do filme *Alike*, 2015. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kOjtK32mGJO>

Há um músico, em frente à árvore, e o som de um violino faz Paste interromper sua caminhada. Estesia provocada pelo contágio, no qual a música chega aos ouvidos e aciona o corpo todo para o fazer parar diante do músico. Paste solta a mochila pesada e brinca de ser ele próprio o músico, mas é interrompido por Copy, que recoloca a mochila em suas costas e aponta o caminho para a escola.

Sobre essa fratura no cotidiano da criança, provocada pelo encontro com o violinista e sua música, lembramos Greimas, que tratando da imanência do sensível, ressalta que a apreensão estética configura-se no percurso particular do sujeito e envolve o desencadeamento de sensações em que “o espaço organizado da percepção se converte em uma extensão biomática em que todas as espécies de sinestésias são

possíveis” (GREIMAS, 2002, p. 70). Essa interligação entre sensações é anunciada por esse autor como um enriquecimento da comunicação do sujeito com o mundo.

Nas cenas seguintes, os personagens caminham cambaleantes com seus pesos e chegam ao destino, de um lado a escola e do outro o trabalho (Figura 3). Prédios de cor acinzentada, onde entram puxando suas pesadas bagagens. Outros adultos e crianças entram nos prédios, imagem aérea que os mostra como formigas rumando em filas para os respectivos destinos.



Figura 3. Daniel Martín Lara e Rafa Cano Méndez. Cena do filme *Alike*, 2015. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kQjtK32mGJQ>

Dentro dos respectivos prédios, Copy e Paste ocupam seus lugares. Copy ocupa uma mesa, retira uma pilha de folhas da pasta, em cima da mesa há uma máquina de escrever. Recebe em seguida outra pilha de papéis. Olha para os papéis e se descolore, passa do azul para um cinza desbotado, efeito de sentido que demonstra o seu estado de humor diante do trabalho repetitivo. Copy datilografa, com rapidez, e outros funcionários são apresentados em mesas iguais, exercendo semelhante trabalho. Enquanto isso, Paste ocupa uma mesa escolar, na mesma cor da mesa de Copy, um móvel não adequado ao seu tamanho pois deixa as suas pernas sem que alcancem o chão. As salas, da escola e do trabalho, são apresentadas em um mesmo quadro, dividido ao meio, presentificando uma organização espacial, simetricamente semelhante (Figura 4).



Figura 4. Daniel Martínéz Lara e Rafa Cano Méndez. Cenas do filme *Alike*, 2015. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kQjtK32mGJQ>

Nos quadros seguintes, enquanto o adulto datilografa textos, a criança recebe uma folha tracejada para repetição das letras do alfabeto, mas desenha a árvore de folhas vermelhas e o violinista. A folha de desenho é apresentada a um adulto, provavelmente o professor, que entrega uma nova folha tracejada para cópia de letras. Apesar da ação do adulto, e de ficar em disjunção com a atividade de copiar letras, reação exposta em expressão facial, Paste continua com sua cor laranja e passa a copiar letras em meio a desenhos (Figuras 5, 6 e 7).



Figuras 5, 6 e 7. Daniel Martínéz Lara e Rafa Cano Méndez. Cenas do filme *Alike*, 2015. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kQjtK32mGJQ>

No escritório, a rotina repetitiva é apresentada, em vários quadros, com a presença de um relógio que marca a passagem do tempo. Enquanto o tempo passa o pai se mostra mais e mais curvado, até se reanimar com a expectativa do término da jornada. No texto *Los retos de la educación en la modernidade líquida* Bauman (2007) reflete sobre a relação dos sujeitos contemporâneos com o tempo. O tempo é

um valor para o sistema de produção. Expressões como “tempo é dinheiro” são representativas dessa atribuição de significados, em decorrência disso toda demora ou espera se transforma em estigma de inferioridade. É preciso, então, que o adulto produza o máximo em menor tempo e que a educação das crianças as habilite a se transformarem em adultos produtivos. Nesse processo adultos e crianças são moldados para atender às exigências da produção em menor tempo, sendo desconsiderado em sua subjetividade e criatividade.

Ao final do dia Copy (descolorido) encontra Paste (ainda laranja), os dois se abraçam e Copy volta a ficar azul (Figura 8). Neste momento do filme os enunciadores deixam o entorno todo claro e sem outros elementos para enfatizar o encontro entre pai e filho que transforma a cor/ânimo do pai.



Figura 8. Daniel Martínéz Lara e Rafa Cano Méndez. Cena do filme Alike, 2015. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=kQjtK32mGJQ>>

Os dias transcorrem em igual rotina, a passagem de tempo é representada pela reiteração da arrumação da mochila com muitos livros, pela apreciação do violinista interrompida pelo pai que leva a crianças à escola, e por mais e mais cópias de letras do alfabeto em folhas tracejadas. A repetição das ações traz como consequência mudanças na criança, que passa a ser apresentada com semblante triste e cor desbotada. Em um dos quadros, que representa a transformação na performance da criança, Paste está saindo triste da escola e o pai percebe a mudança no estado de humor do filho. O encontro ao final do dia já não é tão eufórico quanto no início da narrativa (Figura 9).



Figura 9. Daniel Martínéz Lara e Rafa Cano Méndez. Cena do filme *Alike*, 2015. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kQjtK32mGJQ>

No escritório, Copy reflete sobre a tristeza da criança e analisa as folhas de atividades realizadas por Paste em dias anteriores, uma sequência que apresenta desenhos em meio de letras e, ao final somente letra grafada forçadamente. Nos dias que seguem, no caminho para escola, Copy percebe o automatismo com que Paste deixa que ele ponha a mochila em suas costas. A mudança de cor durante o abraço entre os personagens se torna mais difícil de ser realizar.

A preocupação do pai desencadeia um processo de observação do caminhar cotidiano da criança, Paste caminha de forma automática e descolorida para a escola, e isso provoca uma mudança na performance do personagem adulto. Copy percebe a falta de espontaneidade do filho e o automatismo com que aceita os pesos da escola e o convida a ver o violinista. Os dois chegam ao local e encontram a árvore de folhas vermelhas em seu gramado verde, mas não há música porque o violinista não está mais lá. Diante da decepção de Paste, Copy resolve ser ele mesmo o violinista, resgatando um gesto de infância realizado por Paste nos encontros com o violista. (Figura 10). O jogo simbólico do pai faz com que o filho sorria e retome sua cor alaranjada mais forte. Nesse momento Copy entra em conjunção com a infância e com a arte e, dessa vez, é ele quem contagia Paste.

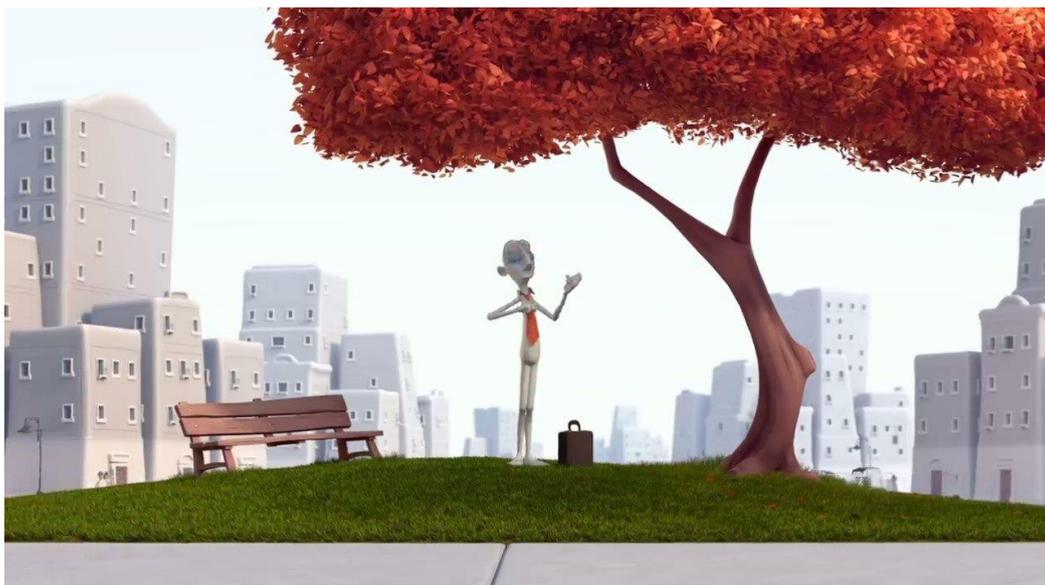


Figura 10. Daniel Martín Lara e Rafa Cano Méndez. Cena do filme *Alike*, 2015. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kQjtK32mGJQ>

O filme termina com o abraço de Copy e Paste, os personagens são apresentados em plano de conjunto em que aparece a árvore de folhas vermelhas, a grama verde e os dois em suas cores azul e laranja bem vivas. Nos fotogramas seguintes, a câmera vai se distanciando em um plano geral em que eles aparecem coloridos em meio a cidade descolorida. Outros pais e crianças passam por eles descoloridos. O final do filme parece indicar que é preciso comover as pessoas tanto para as especificidades e os maravilhamentos da infância como para viverem experiências cotidianas com a arte.

Considerações finais

Muitas são as relações presentes nessa produção audiovisual. Um adulto (pai) que ora está em conjunção, ora está em disjunção com uma criança (filho). A escola, em seu modelo tradicional, centrada na repetição e preocupada com o ensino da escrita de forma repetitiva está em conjunção com as práticas repetitivas do mundo do trabalho, realizadas pelo adulto. Diz o poema de Loris Malaguzzi que as crianças são feitas de Cem linguagens, “mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016, p.21). É o que acontece na escola de Paste, em que a referência a um processo de alfabetização não considera a escrita como uma linguagem que se mostra e apreende em práticas

culturais. Na prática docente apresentada, a escrita não tem função social de expressão e comunicação, e as letras se tornam apenas marcas sem significados, repetidas à exaustão.

A arte, em especial a música, é a fratura do cotidiano que faz com que Copy reflita sobre sua relação com Paste e ocorra uma mudança de atitude. No entanto, a experiência estética da criança tanto ao desenhar como com o violinista na praça, não é valorizada. No final há uma transformação e humanização desencadeada pela arte, tanto na criança em sua exploração do mundo, quanto no adulto em retomar valores que o aproximam do filho.

Ao analisarmos o percurso gerativo de sentido identificamos, no nível fundamental, algumas oposições, tais como adulto x criança, automatismo x criação, trabalho/escola x arte. Tais oposições são representadas pelo uso da cor, como na cor laranja da criança que fica desbotada quando em disjunção com a ludicidade e a arte, que aparecem como características da infância. Tal cor desbotada, apagada também é representativa da tristeza em detrimento da coloração mais viva e forte atribuída à alegria. Outro exemplo da mesma natureza é a coloração azul do adulto, que fica cinza quando em disjunção com as tarefas repetitivas do trabalho e volta ao azul mais vivo e forte quando abraça a criança.

A respeito dos efeitos de sentido que uma produção audiovisual, como um texto, pode provocar em quem o assiste, Landowski diz que,

Quando os textos são 'textos' propriamente ditos, seu sentido não procede, inteira e diretamente, daquilo que eles 'são' enquanto 'textos'. Ele depende, ao mesmo tempo, dos pontos de vista de leitura adotados por cada um, isto é, da posição de cada leitor, enquanto ator num universo de práticas em conflito. (LANDOWSKI, 2001, p. 30).

Apontamos para o par adulto/ criança salientando as características da infância, como algo que tem se tornado invisível para os adultos, sejam eles pais ou professores. Na maior parte da narrativa predomina a imposição de tempos e conteúdos alheios aos interesses e desejos da criança, considerados como princípios para uma boa educação. As interações com as linguagens artísticas e com brincadeiras, formas pelas quais as crianças se apropriam do mundo cultural, não são consideradas como valores eufóricos pela família e pela escola. Ainda, os sujeitos em suas individualidades, repertório e preferências estéticas parecem aniquilados pelo excesso de papéis, representado pelos documentos do escritório e pelos livros que enchem a mochila da criança. A arte, no filme o desenho e a música, aparece, então,

como um modo de ressignificar as relações cotidianas, de reconectar os personagens com a vida.

Notas

¹ Este artigo aborda um dos vídeos analisados no projeto “Micronarrativas audiovisuais: fragmentos do cotidiano e seus efeitos de sentido para a educação” que contou com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2018-2021) e teve a participação, em suas diferentes etapas, de orientandos de pós-doutorado, de doutorado, de mestrado e de bolsistas de iniciação científica BIC-PRAE/UFRGS, PIBIC/CNPq-UFRGS, BIC/UFRGS e PROBIC-FAPERGS-UFRGS. A assessoria musical para análise dos vídeos foi de Luciano Garofalo.

² Alike é um curta metragem de animação dirigido por Daniel Martínez Lara e co-dirigido por Rafa Cano Méndez. A equipe de Alike foi formada por ex-alunos da Pepe School Land. O curta é um projeto pessoal dos diretores com antigos alunos. A produção de "Alike" foi realizada com o sistema operativo Linux e utilizando Blender como software principal, para a modelagem, animação, renderização, composição e edição. Informações disponíveis em: <<http://alike-short.blogspot.com/p/about.html>> Acesso em: 18 maio. 2019.

³ Sobre texto e discurso os autores referem que “(...) por extrapolação e a título de hipótese que parece fecunda, os termos discurso e texto têm sido empregados para designar igualmente processos semióticos não linguísticos (um ritual, um filme, um desenho animado são então considerados discursos ou textos), já que o emprego desses termos postula a existência de uma organização sintagmática subjacente a esse gênero de manifestação” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, 144).

⁴ Informações disponíveis em: <<http://alike-short.blogspot.com/p/press.html>> Acesso em: 12 jun. 2020.

Referências

ALIKE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kQjtK32mGJQ>> Acesso em: 10 maio 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Los retos de la educación en la modernidad líquida**. Barcelona: 2007.

CHION, Michel. **La audiovisión**: Introducción a un análisis conjunto de la imagen y el sonido. Barcelona: Paidós, 1990.

EDWARDS, Carolyn; GANDIN, Lella; FORMAN, George. (Orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Regio Emilia em transformação**. Tradução Marcelo de Abreu Almeida. Porto Alegre: Penso, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da Imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2016.

LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. **Revista Galáxia**, São Paulo, n 2, p. 19- 56, 2001.